



Revista Educação e Linguagens

Revista dos cursos de Pedagogia e de Letras da Universidade Estadual do Paraná
Unespar / Campus de Campo Mourão

Vol.16, e162612, 2026

Submetido em: 21/08/2025

Aceito em: 21/02/2026

Publicado em: 06/02/2026

O que o bebê tem a nos ensinar?

What can the baby teach us?

¿Qué tiene el bebé para enseñarnos?

 Raquel Franco Ferronato¹



Canção do berço vazio

Canção do berço vazio
nunca a ninguém acalenta,
nenhuma voz a cantou.

Canção de lábios cerrados
que estremeceu no silêncio
muito antes de ter princípio.

Canção de peito oprimido
que não encontra palavras
porque nem o berço existe.

Ah! quem sonhara acalantos,
fontes escorrendo leite
para inconcebidos anjos?

Num país irmão da noite
canção da loucura mansa
para ouvidos que não ouvem...

Canção do berço vazio
entre cortada de pratos
e de risos escondidos...

Lá do outro lado do mundo
canção sem nenhum sentido
pobre louca está cantando.

LISBOA, Henrique (1956)

O poema “A canção do berço vazio” constrói uma poética do não-advento, do silêncio anterior

¹ Doutora em Educação, Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil. Professora adjunto na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil. E-mail: raquelff@uel.br

à linguagem, instaurando uma reflexão radical sobre a ausência do bebê como ausência de endereçamento, de laço e de possibilidade simbólica. O “berço vazio” não representa apenas a falta de um corpo infantil, mas a interrupção do circuito da escuta, condição fundamental para que a linguagem se inaugure.

Desde o primeiro verso, “*Canção do berço vazio / nunca a ninguém acalenta*”, a canção aparece destituída de sua função relacional. O acalanto, que tradicionalmente pressupõe um outro a quem se endereça, perde sua razão de ser. Assim, o poema evidencia que a linguagem só se constitui na relação, antecipando, poeticamente, a tese central do dossiê: não há linguagem sem endereçamento, nem sujeito sem laço.

A expressão “*Canção de lábios cerrados*” explicita uma linguagem impedida de se organizar na palavra, mas que ainda assim estremece no silêncio. Esse verso dialoga diretamente com a noção de linguagem multimodal defendida no dossiê, segundo a qual o sentido não se restringe à fala articulada. Aqui, porém, o estremecimento ocorre sem destinatário possível, produzindo um excesso de afeto que não encontra inscrição simbólica.

O verso “*porque nem o berço existe*” radicaliza a cena: não apenas o bebê está ausente, mas também o próprio lugar simbólico que o sustentaria. O berço, entendido como espaço de acolhimento, cuidado e reconhecimento, é abolido. A ausência do bebê torna-se, assim, ausência de condições de escuta, ponto que ressoa com a discussão do dossiê sobre os efeitos éticos de não reconhecer o bebê como sujeito desde o início da vida.

Ao evocar “*inconcebidos anjos*”, o poema desloca a ausência para um plano limítrofe entre o simbólico e o irrepresentável. Não se trata apenas de um bebê perdido, mas de um bebê que não chegou a se inscrever no campo do desejo do outro, permanecendo fora da possibilidade de endereçamento. Tal formulação dialoga com a crítica, presente no dossiê, às concepções que reduzem o bebê a um corpo biológico ou a um projeto futuro, apagando sua condição de sujeito.

Nos versos finais, a figura da “*pobre louca*” que canta “*sem nenhum sentido*” desloca a questão para o campo social e político. A canção sem destinatário passa a circular no mundo como excesso, ruído ou loucura. O poema sugere, assim, que quando não há escuta, a linguagem do cuidado é desqualificada, e aquele que insiste em cantar para o vazio é marginalizado. Essa imagem encontra forte ressonância com o dossiê ao apontar que a recusa em escutar o bebê, ou em reconhecer suas formas próprias de linguagem, produz silenciamentos, exclusões e patologizações.

Sabemos escutar o bebê? A pergunta, longe de ser retórica, convoca uma revisão ética, epistemológica e metodológica dos modos como o bebê tem sido concebido, estudado e abordado nos campos da educação, da saúde e das ciências humanas. Escutar o bebê implica escutar também os discursos que falam sobre ele, interrogando os efeitos que se produzem nas práticas educativas em creches, bem como nas instituições de saúde, nos contextos familiares e nos espaços formativos.

O diálogo estabelecido com profissionais e pesquisadores de diferentes áreas evidenciou a importância de uma psicanálise em perspectiva transdisciplinar, lugar a partir do qual este dossier se constitui. Não se trata de incorporar saberes diversos como instrumentos técnicos aplicáveis ao bebê, mas de sustentar uma posição ética potencial para olhar o bebê a partir de outros campos epistemológicos, tais como as Neurociências, a Linguística, a Filosofia, a Sociologia, a História, a Antropologia, a Semiótica, a Genética e Epigenética, a Medicina e a Psicanálise.

Durante grande parte do século XX, especialmente sob a influência de concepções hegemônicas que atravessaram e marcaram o campo científico, o bebê foi compreendido a partir de noções de déficit e de incompletude humana. A ele era atribuído um equipamento sensorial considerado imaturo ou rudimentar, bem como uma suposta incapacidade de atribuir sentido às próprias experiências. Seus movimentos eram, em determinados modelos teóricos, interpretados como descargas motoras aleatórias, os gritos reduzidos a respostas reflexas como estímulos internos ou externos e as vivências concebidas como desprovidas de valor simbólico ou impacto na constituição subjetiva e no desenvolvimento posterior.

Nessa perspectiva, o bebê era pensado, em determinados discursos, como tábula rasa, um ser pré-social e pré-simbólico, cuja entrada no campo da linguagem, do desejo e da relação dependeria quase exclusivamente da ação estruturante do adulto. O outro aparecia, assim, como o único detentor de intencionalidade e saber, enquanto ao bebê caberia uma posição passiva, de espera e de recepção. Tal concepção tendia a desconsiderar a atividade própria do bebê e silenciava as formas singulares de sua expressão, invisibilizando modos de estar no mundo e de se endereçar ao outro desde o início da vida.

Embora importantes avanços tenham sido produzidos ao longo das últimas décadas, traços dessa concepção ainda persistem em discursos contemporâneos que continuam a sustentar a ideia de que o bebê só se constitui como sujeito a partir da intervenção do cuidador, como se o desejo lhe fosse inteiramente externo. Assim, o bebê permanece sendo lido como um corpo-signo, uma materialidade à espera da linguagem que o nomeie, o organize e o faça emergir como sujeito, mantendo-o em uma posição de passividade e de dependência simbólica absoluta. Essa leitura, ao privilegiar o adulto como único polo de intencionalidade e saber, tende a obscurecer as manifestações próprias do bebê e a desconsiderar suas formas singulares de endereçamento ao outro.

Em contraposição à visão redutora, diversos estudos vêm, há décadas, deslocando o modo de conceber o bebê deslocando radicalmente o modo de concebê-lo e compreendê-lo como sujeito integral. As contribuições pioneiras de Françoise Dolto (1908–1988) e, posteriormente, de autores como Haag (1989/1992/1997), Golse (2020), Vanier (2013), Boukobza (2011), Szejer (2013) e Laznik (2011/2021), abriram um campo teórico-clínico que possibilita escutar o bebê mesmo quando a fala articulada ainda não está presente ou se encontra em estado incipiente. Esses trabalhos contribuem para a consolidação de uma ética da escuta que reconhece o bebê como sujeito desde o início da vida, capaz de se expressar, de desejar, de produzir sentidos e de ser afetado pela

relação com o outro, deslocando-o definitivamente da posição de objeto de cuidados para a de interlocutor possível no laço social.

É nesse deslocamento epistemológico e ético que se inscrevem as pesquisas contemporâneas que passam a reconhecer o bebê como um sujeito hipercompetente desde o nascimento. Estudos desenvolvidos por Busnel (2011/2013/2019), Dupoux (2011), Nagi (2013), Trevarthen (2019), Guellai (2020), Golse (2022) e Parlato-Oliveira (2019/2022/2024/2025), Batista (2024) entre outros, indicam que, muito antes da consolidação da língua materna, o bebê produz ações comunicativas complexas, segundo esses estudos, intencionalmente orientadas para o outro. Sons, vocalizações, gestos, movimentos corporais, variações de tônus, olhares e ritmos compõem um campo expressivo denso, no qual o bebê não apenas reage, mas se posiciona, convoca e responde.

Essa perspectiva rompe com a ideia de que haveria um “antes” da linguagem. Ao contrário, o que se evidencia é a existência de uma linguagem multimodal, sofisticada e integrada, que não antecede a linguagem verbal, mas que é constitutiva do próprio processo de simbolização. Trata-se de uma linguagem que se organiza no corpo, na relação e no tempo da interação, exigindo do adulto uma escuta sensível às múltiplas formas de expressão do bebê.

Trevarthen (2019) apresenta o bebê como uma criatura inventiva, criadora de sentidos e profundamente orientada para a interação. Desde o início da vida, o bebê participa ativamente de trocas intersubjetivas, organizando suas ações em função do outro e da relação, o que evidencia uma orientação precoce para o encontro e para a comunicação. Busnel (2011/2013/2019), ao inaugurar os estudos sobre a sensorialidade do feto, demonstra que, ainda no período intrauterino, o bebê é atravessado por experiências sensoriais significativas, especialmente sonoras, que participam da constituição inicial de sua relação com o mundo e com o outro.

Parlato-Oliveira (2019/2022/2024/2025) aprofunda essa perspectiva ao evidenciar não apenas a produção contínua do bebê, mas também seus saberes, reconhecendo-o como um sujeito dotado de intencionalidade, interesses e iniciativas próprias. A autora propõe o conceito de multimodalidade como chave de leitura de suas manifestações, mostrando que o bebê articula, de modo integrado, vocalizações, gestos, olhares, movimentos, ritmos e tonicidades, produzindo conhecimentos sobre o outro, sobre o ambiente e sobre si mesmo. Trata-se de uma linguagem complexa, que não se reduz à palavra, mas que é constitutiva dos processos de comunicação, aprendizagem e subjetivação.

Emagi Nagi (2013), ao destacar a capacidade de imitação do bebê, evidencia sua intencionalidade interativa, mostrando que o bebê não apenas reproduz gestos ou sons, mas os reinscreve na relação, atribuindo-lhes sentido e valor comunicativo. Bahia Guellai (2020), por sua vez, sublinha o bebê como intérprete do outro, do ambiente e do mundo, enfatizando que ele não é um receptor passivo de estímulos, mas um sujeito que lê, interpreta e responde ao que lhe é endereçado.

É nessa mesma direção que Batista (2024), em *O bebê e a creche*, afirma que o bebê não é um corpo a ser apenas cuidado, nem um sujeito em espera, mas alguém que produz saberes na relação e convoca o adulto a uma escuta ética de suas manifestações, mesmo quando estas não se organizam pela palavra. Ao deslocar o bebê do lugar de objeto de cuidado para o de sujeito de enunciação, a autora ressalta que a creche se constitui como um espaço privilegiado de escuta, no qual o reconhecimento da linguagem multimodal do bebê é condição para práticas educativas que respeitem sua singularidade e sua condição de sujeito desde o início da vida.

A partir dessas contribuições, torna-se possível sustentar que o bebê está continuamente envolvido em processos de comunicação. O desafio que se impõe, portanto, não é o de fazê-lo falar, mas o de interrogar as condições de escuta do adulto: como escutamos o bebê, a partir de que concepções, e com que abertura para reconhecer seus saberes, seus gestos e seus modos singulares de dizer?

Reconhecer o bebê como sujeito implica considerá-lo em sua singularidade e em sua condição de sujeito de linguagem, ainda que essa linguagem não se organize prioritariamente pela palavra. Trata-se de ler seus atos, gestos, olhares, vocalizações, silêncios e movimentos como formas legítimas de expressão e de discurso. Aquilo que, por muito tempo, foi tomado como ruído, excesso motor ou ausência de sentido revela-se, sob outra escuta, como pedido, endereçamento e busca por um intérprete que reconheça e sustente sua linguagem. O bebê não apenas manifesta algo: ele se dirige a alguém.

Sustentar uma posição ética frente ao bebê implica reconhecer que toda intervenção é atravessada por concepções teóricas, afetos e expectativas, e que estas podem tanto favorecer quanto silenciar aquilo que o bebê tem a dizer. Intervir em nome do bebê implica um constante exercício de deslocamento, portanto, um constante exercício de deslocamento, para que nossas teorias não se sobreponham à sua experiência.

Nessa perspectiva, interno e externo não se configuram como polos opostos, mas como dimensões de uma mesma e única trama: o bebê em relação. O que se passa no corpo, no gesto ou no afeto do bebê só ganha sentido na e pela relação com o outro. Colocar-se à escuta do bebê exige do cuidador e da professora o reconhecimento de sua fala multimodal e a assunção da função de intérprete — não no sentido de traduzir ou corrigir, mas de sustentar, dar lugar e legitimar aquilo que se expressa, mesmo quando ainda não encontra forma verbal.

É nesse cenário pedagógico, ético e clínico que se inscreve o presente dossiê, composto por 11 artigos, que abordam o bebê a partir de diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e empíricas. Os textos reunidos inauguram e aprofundam um diálogo transdisciplinar que atravessa a educação, a clínica, a psicologia, a psicanálise e os estudos da linguagem, reafirmando o bebê como protagonista de sua relação com o mundo, com a cultura e com o outro. Ao dar visibilidade às múltiplas formas de dizer do bebê, este dossiê convida o leitor a deslocar seu olhar, a refinar sua escuta e a se implicar em uma prática que reconheça o bebê não como objeto de intervenção, mas como sujeito de enunciação.

Compõem este dossier os seguintes trabalhos:

1. Entrevista com Erika Parlato-Oliveira: escutando os bebês na poética do começo, de Cleide Vitor Mussini Batista.
2. As práticas de leitura com bebês: a bebeteca como instrumento didático-pedagógico na Educação Infantil, de Emily Henrique da Silva, Lucinéia Lazaretti e Lusseude Luciana de Sousa Ferro.
3. Docência com bebês na creche: saberes, desafios e a constituição da identidade profissional docente, de Izabelle Cristina de Almeida e Susana Soares Tozetto.
4. O bebê não entende! Reflexões sobre o discurso pedagógico na creche, de Maria Clara dos Anjos Teodosio Tomé e Cleide Vitor Mussini Batista.
5. A comunicação para além das palavras: linguagem multimodal e interações na Educação Infantil, de Thais Miranda e Cleide Vitor Mussini Batista.
6. Oficina: o bebê que conhecemos hoje – espaço de transmissão dos conhecimentos atuais, de Carolina Gonzaga Sanches Jorquera e Monica Campos de Oliveira.
7. Percepções sobre os bebês: uma análise comparativa com uso de fotografias na avaliação de processos formativos, de Glaucia Maria Moreira Galvão, Maya Gratier, Mariana Negri, Clara Powaczuk, Affonso da Costa, Ludmila Tavares, Alessandra Provera e Erika Parlato-Oliveira.
8. O dilema das mídias digitais na educação dos bebês, de Jaqueline Delgado Paschoal e Sandra Regina Mantovani Leite.
9. Produções vocais de bebês: uma revisão integrativa, de Mariana Negri, Betânia Parizzi e Erika Parlato-Oliveira.
10. Comunicação do bebê com enfoque no processo do aleitamento materno: revisão integrativa, de Stephany da Silva Andrade, Erika de Sá Vieira Abuchaim e Erika Parlato-Oliveira.
11. Oficina de brincar com bebês: corpo e linguagem, de Bruna Detoni e Rubiane Oliva.

Esse conjunto de produções revela a potência de um campo em consolidação, no qual o bebê deixa progressivamente de ocupar um lugar de passividade, de falta ou de espera, para ser reconhecido como sujeito de linguagem, de relação e de cultura. Os trabalhos propõem deslocamentos teóricos, clínicos e pedagógicos importantes, ao mesmo tempo em que apontam para a complexidade do início da vida e para a necessidade permanente de investigação, elaboração e escuta. Longe de encerrar debates, o dossier evidencia que o bebê permanece como uma questão aberta no campo da pesquisa e da prática profissional, convocando o pesquisador e o profissional uma postura de atenção e de responsabilidade.

Ao reunir esses estudos, o dossier não pretende oferecer respostas fechadas, modelos prescritivos ou caminhos a serem simplesmente replicados. Ao contrário, propõe uma suspensão das evidências naturalizadas e um convite ético à escuta. Escutar o bebê implica reconhecer que há ali um sujeito que endereça, interpela e ensina, desde que o adulto aceite deslocar-se de um

lugar de suposto saber total para uma posição de abertura, de implicação e de responsabilidade frente ao que emerge na relação.

Os textos apresentados neste dossier convida o leitor a questionar a compreensão do bebê-sujeito, produzir fissuras nos discursos cristalizados, ampliar a sensibilidade para os modos singulares de existir do bebê e sustentar práticas educativas, clínicas e institucionais mais éticas, mais atentas e mais disponíveis àquilo que o bebê tem, incessantemente, a nos ensinar.

Referências

BATISTA, Cleide Vitor Mussini. **O bebê e a creche:** direitos e proposições. São Paulo: Instituto Langage, 2024.

BOUKOBSA, Claude. A Relação de uma mãe psicótica com seu filho: acompanhamento de um caso mãe-bebê em um Hospital Dia. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David. (org). **O bebê e seus intérpretes:** clínica e pesquisa. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 23-34.

BUSNEL, Marie-Claire. O desenvolvimento da sensorialidade fetal. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David. (org). **O bebê e seus intérpretes:** clínica e pesquisa. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 23-34.

BUSNEL, Marie-Claire; MELGAÇO, Rosely Gazire. (org). **O bebê e as palavras:** uma visão transdisciplinar sobre o bebê. São Paulo: Instituto Langage, 2013.

BUSNEL, Marie-Claire. Marie Claire Busnel, uma vida dedicada aos bebês. In: PARLATO-OLIVEIRA, Erika. SZEJER, Myrian. **O bebê e os desafios da cultura.** São Paulo: Instituto Langage, 2019. p. 13-28.

DUPOUX, Emmanuel. Percepção da fala nos bebês. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David. (org). **O bebê e seus intérpretes:** clínica e pesquisa. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 71-78.

GOLSE, Bernard; AMY, Gilbert. **Bebês, maestros, uma dança das mãos.** São Paulo: Instituto Langage, 2020. 96p.

GUELLAI, Bahia; HAUSBERGER, Martine; CHOPIN, Adrien, STRERI, Arlette. Premises of social cognition: Newborns are sensitive to a direct versus a faraway gaze. **Sci Rep**, [S.l.], v. 10, n 9796, p.1-8, jun. 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-020-66576-8.pdf>. Acesso em: 06 de fev. 2026.

GRATIER, Maya. As formas da voz: o estudo da prosódia na comunicação vocal mãe-bebê. In: LAZNIK, M.C.; COHEN, D.(org). **O bebê e seus intérpretes:** clínica e pesquisa. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p.79-84.

GRATIER, Maya. Do sentimento de filiação à aprendizagem cultural: intersubjetividade, assinatura e estilos. In: TREVARTHEN, C.; PARLATO-OLIVEIRA, E. (orgs). **Bebê, corpo e ação.** São Paulo: Instituto Langage, 2021.p. 261-272.

HAAG, Geneviève. **De la naissance physique à la naissance psychologique.** L'Aventure de Naître. p. 211-223, 1989.

HAAG, Geneviève. **L'expérience sensorielle fondement de l'affect et de la pensée.** **L'expérience sensorielle de l'enfance.** Cahiers du C.O R. n. I: 71-112, Hôpital Général d'Arles, 1992.

HAAG, Geneviève. Como o espírito vem ao corpo: ensinamentos da observação referentes aos primeiros desenvolvimentos e suas implicações na prevenção. In: HAAG, Geneviève.

Observação de bebês: o laços de encantamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LAZNIK, Marie-Christine. Linguagem e comunicação do bebê até três meses. p.93-100. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David (org). **O bebê e seus intérpretes:** clínica e pesquisa. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p.79-84.

LAZNIK, Marie-Christine. **Clínica de Bebês:** Litoral entre psicanálise e neurociências. Instituto Langage, 2021. 272p.

NAGY, Emesi.; MOLNARB, Peter. Homo imitations ou homo provocans? modelo de imprinting a partir de imitação neonatal. In: BUSNEL, Marie-Claire; MELGAÇO, Rosely Gazire (org). **O bebê e as palavras:** uma visão transdisciplinar sobre o bebê. São Paulo: Instituto Langage, 2013. p.59-74.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Saberes do bebê I.** São Paulo: Instituto Langage, 2019.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **O bebê e as tramas da linguagem.** São Paulo: Instituto Langage, 2022.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Fundamentos para uma clínica psicanalítica do bebê.** São Paulo: Instituto Langage, 2024.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Saberes do bebê II.** São Paulo: Instituto Langage, 2025.

LISBOA, Henriqueta. **Azul profundo.** Belo Horizonte: Ariel, 1956.

SZEJER, Myrian. O bebê excluído da fala. In: BUSNEL, M. C.; MELGAÇO, R. G. (org). **O bebê e as palavras: uma visão transdisciplinar sobre o bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2013. p. 108-134.

TREVARTHEN, Colwyn. Desenvolvimento da intersubjetividade no primeiro ano de vida. In: LAZNIK, Marie Christine; COHEN, David (org). **O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa**. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 117-126.

TREVARTHEN, Colwyn; AITKEN, Kenneth J.; GRATIER, Maya. **O bebê nosso professor**. São Paulo: Instituto Langage, 2019. 96p.

TREVARTHEN, Colwyn; PARLATO-OLIVEIRA, Erika. (orgs). **Bebê, corpo e ação**. São Paulo: Instituto Langage, 2021. 272p.

VANIER, Catherine. Os mecanismos operantes no desenvolvimento psíquico do bebê prematuro e os riscos eventuais de patologia. BUSNEL, Marie-Claire; MELGAÇO, Rosely Gazire (org). **O bebê e as palavras: uma visão transdisciplinar sobre o bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2013. p.59-74.

Contribuições dos Autores (CRediT)

Não se aplica.

Conflitos de Interesses:

Conforme a política editorial da revista, a autora declara não haver quaisquer relações pessoais, profissionais, financeiras ou acadêmicas que possam ser interpretadas como influência nos métodos, resultados ou discussões apresentadas neste manuscrito.

Financiamento:

Não se aplica.

Aprovação ÉTICA:

Não se aplica.

Agradecimentos:

Não se aplica.

Como citar este artigo (ABNT):

FERRONATO, Raquel Franco. O que o bebê tem a nos ensinar?. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 16, e162612, p.1-9, jan/dez. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/22386084.2026.16.11754>. Acesso em: [inserir data de acesso].

Editor Responsável:

Deivid Alex dos Santos.